

**ANA CRISTINA DERETTI DOS SANTOS
BIANCA WEBER CRISTOFOLINI
THAINÁ MOTTA ALQUINI
YASMIN VITÓRIA STUPP**

Um estudo de caso: possíveis relações entre o bullying advindo de abusos sexuais e o Transtorno de Estresse Pós-traumático (TEPT) em pacientes de Belo Horizonte (MG)

ANA CRISTINA DERETTI DOS SANTOS
BIANCA WEBER CRISTOFOLINI
THAINÁ MOTTA ALQUINI
YASMIN VITORIA STUPP

Um estudo de caso: possíveis relações entre o bullying advindo de abusos sexuais e o Transtorno de Estresse Pós-traumático (TEPT) em pacientes de Belo Horizonte (MG)

Relatório Final referente ao projeto de pesquisa desenvolvido no Programa Conectando Saberes do Curso Técnico em Modelagem do Vestuário do Instituto Federal de Santa Catarina, Câmpus Jaraguá do Sul – Centro, como requisito de integração entre as unidades curriculares e como eixo condutor à pesquisa.

Orientadora: Dr^a Virgínia Ávila

Coordenadora: Anne Cristine Rotsartz Bartz

Jaraguá do Sul

2023

AGRADECIMENTOS

Ao concluir nosso trabalho deixamos o agradecimento ao professor Clodoaldo Machado e a nossa coordenadora de fase Anne Cristine Rutsatz Bartz, que contribuíram para nossa pesquisa, e a nossa orientadora Virgínia de Souza Avila Oliveira que nos orientou nesse trabalho.

RESUMO

Este relatório apresenta e discute os resultados obtidos no âmbito do projeto de pesquisa que investigou o Transtorno de Estresse Pós-traumático (TEPT) e como ele está diretamente ligado ao bullying. Através de pesquisas e entrevistas que foram realizadas com 3 sujeitos, sendo estas já diagnosticadas com o TEPT, foi possível compreender que as principais causas para o desencadeamento do transtorno foram ocasionados por traumas que ocorreram através do bullying e abuso sexual. Esse transtorno requer orientações médicas, sendo somente identificado por meio de exames e laudos médicos. Como consequência desse transtorno, podemos observar mudanças de comportamento, dificuldade nas vivências da sociedade e depressão, com acompanhamento de remédios.

Palavras - chaves: Abuso sexual, Bullying, TEPT, Sujeitos.

ABSTRACT

This report presents and discusses the results obtained within the scope of the research project that investigated Post-traumatic Stress Disorder (PTSD) and how it is directly linked to bullying. Through research and interviews that were carried out

with 3 subjects, who were already diagnosed with PTSD, it was possible to understand that the main causes for triggering the upheaval were caused by traumas that occurred through bullying and sexual abuse. This disorder requires medical guidance and is only identified through examinations and medical reports. As a consequence of this disorder, we can observe changes in behavior, difficulty in experiencing society and depression, accompanied by medication.

Keywords: Sexual abuse. Bullying. PTSD. Subjects.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	4
2. HIPÓTESES.....	4
3.OBJETIVOS.....	5
4. JUSTIFICATIVA.....	5
5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	7
5.1 A história do Transtorno do Estresse Pós-traumático (TEPT).....	8
6. METODOLOGIA.....	9
7. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	12
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	14
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	15
9. ANEXOS.....	15
Anexo 1.....	17
Anexo 2.....	25
Anexo 3.....	27

1. INTRODUÇÃO

É cada vez mais notável o bullying se fazendo presente na vida e cotidiano dos estudantes, sendo que não se reflete de onde, quando e como surge essa problemática. Nesta pesquisa, pretende-se compreender e analisar os efeitos desencadeadores que levam os sujeitos a desenvolverem o Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), o quanto a prática de bullying pode causar impactos negativos na vida da vítima e nas relações de seu cotidiano.

A ideia inicial do projeto era a de relacionar o bullying e a TEPT. Porém, com o decorrer do trabalho e a realização das entrevistas de estudo de caso, nos deparamos com nossos sujeitos tendo uma característica em comum, o abuso sexual. A partir disso, após algumas discussões, redirecionamos o tema e restabelecemos nossos objetivos, sendo o foco o bullying e abuso sexual como agente extressor ao Transtorno de Estresse Pós-Traumático, focando analisar o impacto na vida dos sujeitos.

Conforme afirma ALBUQUERQUE, WILLIAMS e D’AFFONSECA, 2013 (*apud* MILLER, 2007), a exposição à violência pode ser uma experiência traumática que afeta, a curto e a longo prazo, o bem-estar físico, social e emocional das vítimas. Dessa forma, devido ao impacto dos eventos traumáticos sobre a saúde mental dos indivíduos, essas experiências podem predispor tanto à resiliência quanto à vulnerabilidade. Assim, entendemos que este trabalho contribui para uma melhor análise do quanto, de fato, a TEPT afeta a vida de suas vítimas.

Nesta pesquisa nossa intenção é promover um maior conhecimento para, deste modo, responder questionamentos presentes na área de estudo, enquanto a maioria das pesquisas encontradas demonstraram apenas os impactos negativos que o bullying pode provocar, tanto na vítima quanto no agressor. Nessa complexidade, a pesquisa desenvolvida relaciona o abuso sexual e o bullying como agente extressor ao Transtorno de Estresse Pós-Traumático, nos aprofundando nos estudos de maneira a compreender as nuances da problemática.

2. HIPÓTESES

- A prática do bullying¹ pode causar impactos negativos na vida da vítima.
- Por causa do bullying as vítimas podem desenvolver problemas emocionais.
- O bullying advindo de abuso sexual pode ser ainda mais grave, causando estresse após o trauma sofrido.

3.OBJETIVOS

Os objetivos desta pesquisa são divididos entre **objetivo geral** e **objetivos específicos**, sendo representados a seguir.

3.1 OBJETIVO GERAL

Analisar, os possíveis impactos nas vidas pessoal e profissional das vítimas advindas do Transtorno de Estresse Pós-traumático.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender como se deu o processo terapêutico e cotidiano entre o espaço de tempo dos eventos de bullying advindos do abuso sexual e o diagnóstico Transtorno de Estresse Pós-traumático em três vítimas de Belo Horizonte (MG).
- Analisar as narrativas dos sujeitos de pesquisas de Belo Horizonte (MG) com índices e pesquisas já realizados no estado de Santa Catarina.

4. JUSTIFICATIVA

O bullying afeta diretamente a saúde mental das pessoas, sendo assim de extrema importância o estudo de sua origem e causa. De acordo com Sousa et al. (2011, p.13) apud Chalita (2008, p. 81), “O fenômeno bullying não escolhe classe social ou econômica, escola pública ou privada, ensino fundamental ou médio, área rural ou urbana. Está presente em grupos de crianças e jovens, em escolas de países e culturas diferentes.”

Segundo o autor Olweus (1991), o bullying divide-se em cinco grandes categorias: físico, o qual envolve comportamentos como empurrar, bater, chutar; verbal, cujo foco recai sobre as ameaças e xingamentos; relacional, cuja meta é danificar o relacionamento entre pares (nesse caso, tem-se como exemplo a exclusão de um membro nas atividades e a propagação de fofocas e mentiras); sexual, abarcando condutas e comentários de cunho sexual e, por fim mas não

menos importante, recentemente presencia-se o cyberbullying, cujas agressões são feitas por meio de recursos eletrônicos, como computadores e celulares.

Por essa razão, compreender essas dinâmicas ocorridas em distintos ambientes socializadores são fundamentais no desenvolvimento do trabalho proposto por este grupo de pesquisadores do IFSC, tendo em vista que a sistematicidade com que os indivíduos são e foram alvo de bullying pode ter lhes gerado o que a psiquiatria e psicologia denominam de Transtorno de Estresse Pós-traumático, tema principal de nosso trabalho.

Como refletido anteriormente no projeto de pesquisa, a exposição contínua de uma pessoa à violência pode gerar nela a experiência traumática a qual afeta, a curto e a longo prazo, o seu bem-estar físico, social e emocional. Desse modo, em virtude dos impactos das experiências traumáticas sobre a saúde mental dos indivíduos, essas podem criar neles tanto a resiliência quanto à vulnerabilidade (Miller apud Albuquerque, 2007).

O breve estado da arte realizado neste projeto de pesquisa sugere que há uma relação entre a experiência de bullying, advindo do abuso sexual, e o desenvolvimento de sintomas de TEPT. Em virtude da carência de estudos, não se pode afirmar categoricamente sobre os efeitos a longo prazo do bullying, sendo assim encarecendo ainda mais pesquisas que analisam a relação entre o bullying e abuso sexual e as suas possíveis consequências traumáticas, ainda mais quando se problematizam consequências traumáticas a longo prazo, foco principal da pesquisa que buscamos empreender.

Nesse sentido, o estudo de caso realizado na presente pesquisa cumpre um papel importante, adicionando reflexões pertinentes ao campo de pesquisa. Sob essa perspectiva, nossa pesquisa encontra terreno fértil para seu desenvolvimento, principalmente porque buscamos sujeitos que já foram diagnosticados com essa doença há mais tempo. Além disso, ao focarmos em análises qualitativas em detrimento de quantitativas, empregando a metodologia de estudo de casos, a nossa pesquisa fornece subsídios para compreender, em retrospectiva, como os fatores desencadeadores do trauma moldaram a história desse indivíduo e de que modo influenciaram na sua rotina de vida.

Pesquisas futuras se revelam importantes para responder aos questionamentos presentes na referida área de estudo, de modo a construir com mais consistência problematizações em relação aos dados coletados até agora.

Sob esse viés, este trabalho do grupo de pesquisadores do IFSC adiciona ao campo de pesquisa uma importante ferramenta metodológica: a entrevista, a qual buscou aprofundar sobre as dinâmicas que envolvem a relação entre bullying e o Transtorno de Estresse Pós-traumático, além de buscar compreender, pela história do sujeito, os fatores desencadeadores que o levaram a desenvolver o TEPT e sua relação com o abuso sexual e o bullying.

5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Conforme afirma Olweus, 1991 (apud Albuquerque; Williams; D’Affonseca, 2013), o pesquisador que primeiro discorreu sobre a violência entre pares na escola, o bullying, um tipo de violência que ocorre entre pares, apresenta três características principais: a intencionalidade, a repetição e o desequilíbrio de poder entre agressor e vítima, sendo um evento comum para adolescentes escolares. Trata-se de uma importante questão de saúde pública, devido às severas consequências que traz para a saúde e o bem-estar de crianças e adolescentes. A prevalência dessa prática em diversas partes do mundo, incluindo o Brasil, é alta: a prevalência de vitimização do bullying foi de 36%, e a de perpetração, de 35%, no ano de 2014.

O bullying se refere a ações físicas e sociais negativas que são empreendidas intencional e repetidamente, ao longo do tempo, por uma ou mais pessoas contra um indivíduo que não consegue se defender facilmente. Essa prática implica, então, no uso do poder com claro objetivo de controlar os pares. Como se percebe, o estudo sistemático sobre bullying, ocorrido apenas na década de 90 do século passado, é historicamente recente, o que significa que muito ainda se pode problematizar acerca da temática. No Brasil, esse estudo ainda se mostra ainda mais recente e remonta aos anos de 2008 e 2009, com os pesquisadores Francisco & Libório, 2009 (apud Albuquerque; Williams; D’Affonseca, 2013; e Neme, Mello, Gazzola, 2008 (apud Albuquerque; Williams; D’Affonseca, 2013). Embora o trabalho a ser desenvolvido por nosso grupo de pesquisadores do IFSC não foque especificamente no bullying praticado no ambiente escolar, a pesquisa de Olweus (1991) torna-se necessária à que se pretende desenvolver, uma vez que a escola, provavelmente, mostra-se como um dos ambientes socializadores mais prováveis quanto à recorrência da prática de bullying.

Como se percebe, o bullying não se revela como um fenômeno isolado. Trata-se de um fenômeno construído a partir do contato com diversos contextos, a serem problematizados ao longo da pesquisa. Abaixo, trazem-se à tona três pesquisas que relacionam o bullying ao Transtorno de Estresse Pós-traumático.

Elklit e Petersen, 2008 (apud Albuquerque, Williams e D'Afonseca, 2013) realizaram uma pesquisa com estudantes de quatro países europeus, com idade média de 14,5 anos, no intuito de se investigar a prevalência de eventos traumáticos (como abuso, negligência e bullying) e o impacto psicológico desses eventos, inclusive o desenvolvimento de sintomas de TEPT (Transtorno de Estresse Pós-Traumático). Dos participantes que sofreram um evento traumático, 25% relataram ter sofrido humilhação ou bullying durante a infância.

Já Crosby et al., 2010 (apud Albuquerque, Williams e D'Afonseca, 2013) realizaram uma pesquisa com 244 estudantes, com idades entre 10 a 14 anos, de três escolas rurais dos Estados Unidos. Os autores buscaram comprovar a hipótese de que o bullying sofrido pelos sujeitos poderia estar associado aos sintomas de TEPT. Concluiu-se que 13,5% dos participantes relataram ter sido vitimizados por um colega da escola pelo menos uma vez por semana, e 66% relataram ter presenciado alguém sofrer bullying ao menos uma vez no último ano.

Por fim, Mynard et al. (apud Albuquerque, 2000) realizaram um estudo com 331 crianças e adolescentes, com idades entre 8 e 11 anos de escolas da Inglaterra e descobriram que experiências de vitimização por bullying estavam associadas ao estresse pós-traumático. Os dados obtidos sugerem que cerca de um terço das crianças que sofreram bullying podem apresentar níveis significativos de estresse pós-traumático.

5.1 A história do Transtorno do Estresse Pós-traumático (TEPT)

As teorias que discorrem sobre os transtornos psiquiátricos quase sempre se polarizam entre causas estritamente psicológicas ou, por outro lado, fatores ambientais externos. Até a atualidade, essa questão não é bem resolvida, já que os eventos traumáticos dependem de condições como: sociais, econômicas, culturais, entre outras.

Desde o início do envolvimento da psiquiatria com pacientes traumatizados, há debates sobre a origem do trauma. A primeira vez que o termo trauma foi

empregado se deu em 1889, pelo neurologista alemão Hermann Oppenheim. Esse termo ficou conhecido como “neurose traumática” e tendo como causa apenas fatores orgânicos. Somente em 1859, o psiquiatra francês Pierre Briquet estabeleceu uma primeira relação entre trauma e psicologia. Em seus estudos, de 501 mulheres pesquisadas, 76% desenvolveram trauma em virtude de histórias sexuais violentas na infância.

Em 1885, Freud também sugere que os histéricos sofrem alguma experiência traumática e que se fixaram nessa experiência. Em 1896, Freud propôs que a experiência sexual fosse a causa específica da histeria.

Em 1887, Janet afirmou que as memórias da experiência traumática não conseguiam ser integradas na consciência e dela permaneciam dissociadas, gerando ações involuntárias do sujeito como percepções abundantes de terror, preocupações obsessivas e reações ansiosas.

Contudo, foi somente com Abram Kardiner, psicanalista ex-analisando de Freud, que as dimensões intrapsíquicas e ambientais ganharam um estudo mais sistematizado no estudo do trauma. Kardiner publica, à época da Segunda Guerra Mundial, em 1941, um livro sobre "As Neuroses Traumáticas de Guerra", que passa a ser considerado por vários autores especializados como a obra que viria a definir, pelo resto do século XX, o que seria o Transtorno de Estresse Pós-Traumático.

A história do TEPT mostra que ainda há muito caminho de estudos a ser percorrido para a compreensão dos impactos que a doença pode causar na trajetória de vida do paciente. Conhecer o quanto recentemente o TEPT foi incluído no DSM (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM)), pode revelar como portadores desse diagnóstico sofrem sem o devido tratamento e com esse tratamento exige especialização e interdisciplinaridade. Por essa razão, faz-se necessário estudar com mais sistematicidade o bullying, de maneira a minimizá-lo nos diferentes ambientes socializadores, já que os estudos apontam como a prática pode influenciar o desenvolvimento do TEPT. No que toca aos pesquisadores da pesquisa, não é possível refletir sobre bullying fora da perspectiva escolar.

6. METODOLOGIA

Como ideia inicial, nossos sujeitos seriam de Jaraguá do Sul ou da região, mas pela grande dificuldade de procura e disponibilidade dos sujeitos, bem como

pela grande sensibilidade referente ao tema, acentuada pela negação a necessidade de lembrar o evento para realização da entrevista, surgiu a necessidade da procura em outras regiões. A possibilidade de pessoas dispostas a participarem da pesquisa foi obtida por meio da rede de solidariedade de uma das pesquisadoras deste projeto. Após enviarem mensagens em grupos de apoio, hospitais psiquiátricos e centros de atenção psicossocial, três sujeitos que após serem liberados de um hospital psiquiátrico, onde permaneceram temporariamente, se disponibilizaram a participar das entrevistas.

Como o próprio título do trabalho antecipa, a pesquisa adotou a metodologia do estudo de casos:

[...] podemos dizer que o estudo de caso etnográfico deve ser usado: (1) quando se está interessado numa instância particular; (2) quando se deseja conhecer profundamente essa instância particular em sua complexidade e em sua totalidade; (3) quando se estiver mais interessado naquilo que está ocorrendo e no como está ocorrendo do que nos seus resultados; (4) quando se busca descobrir novas hipóteses teóricas, novas relações, novos conceitos sobre um determinado fenômeno e (5) quando se quer retratar o dinamismo de uma situação numa forma muito próxima do seu acontecer natural. (ANDRÉ, 1995, p. 51-52)

No estudo de casos, deve-se deixar claro que o critério de escolha de uma cultura é sua singularidade, de forma que esse grupo representa um caso digno de ser pesquisado, seja porque é representativo de outros casos, seja porque é completamente distinto de outros casos. No trabalho realizado buscou-se por indivíduos que poderiam ser representativos no estudo sobre a relação entre bullying e o TEPT (BORDIEU, 1998, p.695 apud Oliveira, 2015).

A pesquisa se baseou, essencialmente, no enfoque metodológico das pesquisas qualitativas, que “não admitem regras precisas e aplicáveis a uma “ampla gama de casos”. Além disso, as pesquisas qualitativas diferem bastante quanto ao grau de estruturação prévia, isto é, quanto aos aspectos que podem ser definidos já no projeto.” (ALVES-MAZZOTTI, 2001, p. 147, apud Oliveira, 2015). Nesse tipo de pesquisa, o ambiente natural é a fonte direta para a coleta de dados e o pesquisador ocupa função de instrumento-chave. Isso implica dizer que alguns aspectos

inerentes à coleta de dados só poderão ser pontuados a partir da imersão do grupo de pesquisadores na realidade dos sujeitos diagnosticados com TEPT.

Em uma pesquisa qualitativa, o movimento inicial deve ser o de aproximação, o que implica uma inserção do pesquisador no campo a ser investigado, a partir de quando se delinearão os próximos passos metodológicos.

As entrevistas com os pesquisados, principal método empregado, procurou produzir relações de diálogo pautadas nas premissas de Bourdieu (1998) apud Oliveira (2015), de uma comunicação não violenta. Uma vez que, na maioria das situações, é o pesquisador quem dirige a entrevista rumo aos objetivos a serem alcançados por sua pesquisa, instaura-se uma dissimetria, em que o investigador porta um poder maior se comparado ao dos participantes de pesquisa. Urge, assim, a fundamental necessidade de se reduzir os níveis de uma violência simbólica, o que se torna possível mediante uma escuta ativa e metódica, pressupondo-se “a submissão à singularidade de sua história particular.” (BOURDIEU, 1998, p.695 apud Oliveira, 2015).

Com o emprego da entrevista semiestruturada e conversas informais, buscou-se privilegiar os relatos da trajetória desses indivíduos, considerando fatos e situações importantes em suas vidas pessoais que poderiam ter influenciado no desenvolvimento do TEPT. Para alcançar tal objetivo, recorreremos a Alves Mazzotti e Gewandsznajder, 1999 (apud Oliveira, 2015), os quais salientam que as entrevistas cujas intenções foram as de recuperar as histórias de vida dos participantes caracterizaram-se por trazer à tona elementos do passado e associá-los ao presente.

No processo de transcrição das entrevistas, optamos por utilizar alguns sinais convencionados, sugestões de Marcuschi, 1991 (apud Oliveira, 2015), com adaptações. Importante salientar que de Marcuschi (1991) não herdaremos a lógica de sua transcrição, apenas assumimos alguns de seus sinais. Além disso, tendemos a nos aproximar da Língua Culta da Língua Portuguesa, suprimindo termos tipicamente orais, tendo em vista que o estudo da variação linguística não é foco da pesquisa e tendo em mente os potenciais leitores da pesquisa, que se beneficiarão de uma leitura com maior fluidez. Baseamos, aliás, na própria fala de Marcuschi:

Não existe a melhor transcrição. Todas são mais ou menos boas. O essencial é que o analista saiba quais são os seus objetivos e não deixe de

assinalar o que lhe convém. De um modo geral, a transcrição deve ser limpa e legível, sem sobrecarga de símbolos complicados (MARCUSCHI, 1991, p. 9).

7. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante a elaboração da pesquisa realizou-se três entrevistas, cujas transcrições encontram-se nos anexos deste relatório, com o intuito de melhor entender e explicar como o TEPT é causado e como interfere na vida cotidiana das vítimas.

Realizamos três entrevistas com sujeitos que possuíam o diagnóstico recente de TEPT, tais quais haviam recebido alta de um hospital psiquiátrico.

Os sujeitos que aceitaram realizar as entrevistas residiam em Belo Horizonte (dois deles) e nos Estados Unidos (um deles). As entrevistas foram realizadas de modo online através de dispositivos de comunicação (google meet) , em forma de perguntas e respostas com os sujeitos de Belo Horizonte. Já com o sujeito dos Estados Unidos fizemos a entrevista através de áudio, onde uma integrante do nosso grupo se comunicava com uma forma de diálogo apropriada.

O primeiro sujeito entrevistado, hoje já com trinta e dois anos, casado, trabalha como gerenciador de software, nos relatou que o assédio ocorreu no dormitório da faculdade, trazendo impactos negativos para sua vida, como por exemplo no andamento dos estudos, relação ruim com os colegas e com a família após contar sobre o abuso.

O bullying entrou em sua vida no momento em que o abusador tirou a privacidade da vítima espalhando para seus colegas o acontecido. O sujeito relatou que depois deste momento os colegas e familiares se afastaram, o deixando sozinho, o que acabou ocasionando um afastamento na convivência em sociedade por parte do sujeito.

Em sua entrevista, o sujeito cita que sua rede de apoio foi formada pelo seu marido e terapias. Os sintomas apareceram conforme o andamento de sua vida cotidiana. No momento da entrevista, o sujeito não fazia uso de nenhum medicamento.

Ao analisarmos a entrevista do segundo sujeito nos deparamos com uma mulher de 54 anos, que trabalha como terapeuta ocupacional. O sujeito nos relatou

que sofreu um abuso coletivo em sua festa de formatura do colégio, por colegas de turma alcoolizados, quando tinha 17 anos.

Esse sujeito sofreu bullying após o abuso, onde notamos uma semelhança com nosso primeiro sujeito. Os abusadores espalharam para colegas e conhecidos da vítima o ocorrido de forma distorcida, fazendo com que a vítima se excluísse do convívio social.

Após o ocorrido, a vítima relatou que começou a utilizar drogas e desenvolver depressão, crises de ansiedade e pesadelos quase todas as noites. Por recomendação de seu marido, a vítima procurou ajuda conseguindo o diagnóstico de TEPT. Após um tempo, o sujeito entrevistado afirma que precisou de internamento em um hospital psiquiátrico por conta da depressão.

A vítima relatou que até nos dias de hoje sente o impacto em sua vida cotidiana. Decorrente a esses impactos na sua vida, o sujeito faz o uso de medicamentos, sendo eles: Benzodiazepina, Bupropiona, Donarem, Alprazolam.

O nosso terceiro sujeito foi uma vítima de 28 anos, divorciada e formada em direito. O sujeito relata que a família tinha condições precárias, fazendo com que a vítima tivesse que trabalhar com apenas 11 anos para ajudar a mãe.

O abuso aconteceu em uma casa onde morava uma família na qual a vítima trabalhava. O abusador era um homem com mais de 30 anos. O sujeito conta que quando relatou o ocorrido a família teve uma resposta negativa, como se fosse preguiça de trabalhar, assim, decidiu conversar com uma professora em quem confiava, iniciando assim o problema com o bullying. O sujeito conta que a professora acabou espalhando a notícia do abuso de forma distorcida do que foi relatado pela vítima.

A vítima conta que o desencadeamento dos sintomas do TEPT se deu ao nascimento de sua filha, quando a vítima teve diversas crises de choro e tristeza, fazendo com que seu companheiro tomasse a decisão de a internar em um hospital psiquiátrico.

Depois de muito tempo a vítima conseguiu o diagnóstico e o tratamento correto, mas tem que lidar com os impactos deixados em sua vida. A vítima faz uso das seguintes medicações: Bupropiona e Rivotril.

Com a realização das entrevistas nota-se semelhanças entre os casos, como o desencadeamento dos sintomas que os sujeitos relatam que acontecem em algum momento de abuso sexual ou bullying vivido pelas vítimas

Com tudo percebe-se que as vítimas relatam impactos negativos em suas vidas cotidianas, como problemas de socialização, preferindo evitar locais com pessoas que possam provocar algum desconforto emocional. Uma relação ruim com a família ao contar sobre o abuso vivido ou até, em um dos casos, a vítima preferiu não contar sobre o ocorrido para manter uma boa relação familiar.

Nas três entrevistas é observado que o bullying entra em um momento em que as vítimas tentam encontrar conforto desabafando com alguém sobre o abuso vivido. Porém, nos três casos isso acabou se espalhando pelos locais de convivência da vítima fazendo com que virasse motivo de brincadeira indesejadas entre os colegas, piorando ainda mais a situação emocional.

Nossas hipóteses foram, desta forma, confirmadas. Diante das entrevista realizadas é válido supor que o bullying tem sim um impacto negativo na vida das vítimas e que o bullying advindo de abuso sexual pode ser ainda mais grave, causando estresse após o trauma sofrido. Nas entrevistas as vítimas relataram com ênfase o bullying sofrido por elas e apresenta de forma clara que teve um impacto negativo em suas vidas, fazendo com que encontrassem dificuldades de se relacionar com outras pessoas.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tornou-se evidente que o TEPT frequentemente tem suas raízes em experiências traumáticas, sendo o abuso sexual e o bullying eventos significativos que desencadeiam os sintomas. Os sujeitos compartilharam suas vivências de impactos negativos em suas vidas diárias, incluindo dificuldades na interação social e complicações nas relações familiares. Em alguns casos, os sujeitos escolheram não comunicar o abuso que sofreram, a fim de manter uma harmonia familiar.

O bullying desempenhou um papel marcante, tornando-se uma fonte adicional de estresse para as vítimas quando buscavam apoio e desabafavam sobre suas experiências. Esse fenômeno intensificou ainda mais a carga emocional que as vítimas enfrentavam.

As suposições que sustentaram nossa pesquisa foram comprovadas, evidenciando que o bullying tem, de fato, um impacto prejudicial na vida das vítimas e agravando os sintomas do TEPT. Além disso, notamos que o bullying decorrente do abuso sexual se mostrou particularmente danoso.

Essas descobertas ressaltam a necessidade de abordar o bullying e o abuso sexual com maior eficácia, tanto na prevenção quanto no suporte às vítimas. É fundamental oferecer orientação e apoio apropriados para auxiliar as vítimas na superação de traumas e minimizar os efeitos negativos em suas vidas. Além disso, é vital criar ambientes seguros nos quais as vítimas se sintam à vontade para compartilhar suas experiências e procurar ajuda quando necessário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Paloma; ALBUQUERQUE, Lúcia; D' AFFONSECA Sabrina. Efeitos tardios do bullying e transtorno de estresse pós-traumático: uma revisão crítica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Jan./Mar 2013, Vol. 29 n. 1, pp. 91-98

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ptp/a/9CSyDcyzjxBhyP6txFNyfvP/?lang=pt>

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa. **2. ed. São Paulo:** Pioneira Thomson Learning, 2001.

Disponível

em:

http://professor.ufop.br/sites/default/files/shei/files/alves_mazzotti_gewandsznajder_c_ompleto-1.pdf .Acesso em 1 jun. 2023

BOURDIEU, Pierre. **Escrito de educação**. Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 4 ed. 1998

FREMANN, Richard B., Implications of the Changing U.S. Labor Market for Higher Education (June 1981). NBER Working Paper No. w0697, Available at SSRN: <https://ssrn.com/abstract=349094>. Acesso em 05 de junho de 2023.

OLEWUS, 1991. Um estudo sobre bullying entre escolares do ensino fundamental. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, p. 200-207

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/prc/a/B3QKVk8HPZyK6JbsB8SXz7m/abstract/?lang=pt>

OLIVEIRA, Virgínia de Souza Avila. Um Estudo de Caso do Letramento Literário. **Faculdade de Educação, UFMG**. Belo Horizonte, p.0- 287. 2015. Disponível: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-A4LJK2/1/virginia_tese.pdf . Acesso em: 2 nov. 2022.

PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza; RAMOS, Flávia Regina Souza; Borenstein, Miriam Susskind; Martins, Cleusa Rios. A Responsabilidade do Pesquisador ou sobre o que dizemos a cerca da ética da pesquisa. **Texto Contexto Enferm**, 2005 Jan-Mar; 14(1):96-105. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/tce/a/JmGdS5LFhF5DzSLSWgZpRGL/?format=pdf&lang=pt>
Acesso em: 1 jun. 2023

PEREIRA, Ana Carolina Lima. Processos de seleção: aspectos analisados na linguagem corporal. **Faculdade de tecnologia e ciências sociais aplicadas**, 2018, p.1-27. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/12728/1/21450807.pdf> . Acesso em: 2 jun. 2023

ROZARIO, Beatriz frota. A informação científica e tecnológica e os serviços de informação. **Inf. & Soc.:Est., João Pessoa**, v.16, n.1, p.49-62, jan./jun. 2006. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/11/pdf_3a5bcfea0f_0012842.pdf Acesso em: 2 jun. 2023.

SBARDELLOTO, Grabiele; SCHAEFER, Luiziana Souto; JUSTO, Alice Reuwssat; KRISTEN, Cristian Haag. Transtorno de Estresse Pós-Traumático: evolução dos critérios diagnósticos e prevalência, **Psico-USF**, Rio Grande Do Sul, p.67-73. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusf/a/szPNZDJmvMM6PzPNJvXRFQz/?format=pdf&lang=pt>
Acesso em: 20 mai. 2023

SUDÁRIO, Sandra; ALMEIDA, Paulo César de; JORGE, Maria Salete Bessa. Mulheres vítimas de estupro: contexto e enfrentamento dessa realidade **Psicologia & Sociedade**, Ceará set/dez: 2005, p. 80-86. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/CP9QXvggLPvRFPFVCxpryGS/?format=pdf&lang=pt>
Acesso em: 2 jun. 2023

TAVARES, Rosane Carneiro. O sentimento de pertencimento social como um direito. **universal. Cad. de Pesq. Interdisc. Florianópolis**, Santa Catarina, jan./jun. 2014 v.15, p. 179-201. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/1984-8951.2014v15n106p179> . Acesso em: 24 mai. 2023.

9. ANEXOS

Anexo 1

Entrevistadora: Eu vou começar as perguntas aqui. Qual seu nome? Você pode usar um pseudônimo, se quiser.

Catarina: Nessa entrevista, eu vou usar Catarina.

Entrevistadora: Ok. Qual sua idade?

Catarina: 32 anos

Entrevistadora: Qual sua profissão?

Catarina: Eu sou Gerenciadora de Software.

Entrevistadora: Ok, legal. A dificuldade com o trabalho foi ampliada depois do transtorno?

Catarina: Sim, na verdade, eu tive o transtorno por uns 4 ou 5 anos antes do diagnóstico. Então, eu sempre trabalhei e passava a maior sofrência depois do trabalho, porque no trabalho eu conseguia focar na minha atividade. O que foi confuso é que, quando eu fui diagnosticada, parece que as coisas pioraram, porque tudo começou a fazer sentido. Então, eu comecei a deixar os sintomas aparecerem.

Entrevistadora: Qual seu estado civil?

Catarina: Eu sou casada há 7 anos.

Entrevistadora: Qual sua relação com sua família?

Catarina: Depende de qual família você está falando. Se for o meu marido, é uma relação de suporte e apoio, uma relação boa e eu fui diagnosticada depois do meu casamento. Estou com dificuldade de me concentrar, porque tá dando eco.

Entrevistadora: Se for problema do áudio voltando, eu não sei como resolver, porque não sei muito bem usar o Google meet

Catarina: Não tem problema, vou tentar responder assim. Às vezes, vou tirar meu headphone para eu responder e não ficar desfocada e depois eu coloco pra te ouvir.

Entrevistadora: Pode ser.

Catarina: Então, a relação com o meu marido, ela é boa, uma relação de apoio. Eu me casei antes de ser diagnosticada e aí eu sofria, mas eu também sentia que não precisava falar pra ele o que tava acontecendo. Até porque isso foi uma coisa que não trabalhei, que ninguém precisa saber do que eu passei, se eu não quiser contar e etc. Então, eu não sentia necessidade de falar pra ele. Mas chegou a um ponto que como eu te falei, além de afetar o trabalho, afetou minha relação e eu não sei (...) pela terapia que ela me informou que eu tava precisando e daí lá eu fui diagnosticada e a psiquiatra me falou que eu não tinha que esconder dele e ele precisa saber dos cuidados que precisa ter comigo. Então, eventualmente eu contei pra ele e hoje ele me apoia. Essa semana, por exemplo, eu contei pra ele "oh,

quinta-feira eu vou ter essa entrevista e eu vou ficar mal". Com a minha família, eu moro nos EUA, minha família no Brasil que é pai, mãe e irmãos, a minha relação é de reconstrução de família. O que aconteceu comigo na verdade foi um abuso sexual e depois desse abuso, eles eram meu sistema de apoio e foi um sistema que não funcionou. E aí, por causa disso eu perdi a confiança não só neles, mas como na maior parte do mundo. Por causa disso, hoje a minha relação com meus pais não é uma relação de amor, é uma relação de dever, até por causa dessa questão da confiança

Entrevistadora: Você tá com o headphone já?

Catarina: Já.

Entrevistadora: Vou tentar fazer o seguinte: quando você for falar, eu vou silenciar aqui, porque eu acho que vai adiantar, porque eu reparei que quando você fala aparece aqui um iconzinho que tá captando meu áudio; então, eu acho que vai resolver.

Entrevistadora: A próxima pergunta é se você tem algum animal de estimação, porque quem sabe isso pode apoiar as pessoas que estão passando por isso.

Catarina: Eu tenho dois animais de estimação. Funcionou, não tô me ouvindo. Eu tenho dois animais de estimação. Os dois são cachorrinhos. É, eu não peguei eles. O meu marido já tinha uma cadela quando a gente se casou e eu sempre gostei de cachorro, sabe? A gente teve alguns crescendo, mas sempre chegou a dar eles depois de 3 anos. Então, eu não tive um cachorro a minha vida inteira. Pensar nisso e ter tempo pra cuidar deles, prestar atenção neles é prestar atenção no meu transtorno e nos sintomas, mas isso não foi intencional. Eu tenho eles não só porque são cachorros. Tem lá um parquinho, que tem cachoeira. Tem aqui parques para cachorros que tem grades gigantes pra eles não fugirem para deixarem eles fora da (...) que eu esqueci o nome em português, a cordinha que fica no pescoço.

Entrevistadora: A coleira?

Catarina: Ali é minha área de meditação, e é isso.

Entrevistadora: Beleza. Como você lida com o transtorno no dia a dia, quais os cuidados que você tem que tomar tanto nas suas tarefas diárias quanto na sua relação com as pessoas no geral?

Catarina: Em suma, eu posso entrar em mais detalhe, mas em resumo eu trato com terapia, com remédio, com marido paciente e lágrimas, é o jeito. Em relação a cuidado diário, além dos remédios, eu evito tudo e todos que podem me engatilhar, porque é muito ruim. Você não sabe quando pode acontecer. A pior parte do transtorno é você ter, tipo, eu não sei a palavra, você faz tudo uma catástrofe, em questão de expectativa. Se eu faço alguma coisa, eu penso no pior que vai acontecer. Então, eu tento evitar as possíveis catástrofes. Eu sou a pessoa que ameniza todo mundo pra não entrar em conflito. Por exemplo, minha mãe me engatilha, falar com ela me engatilha; então, eu evito falar com ela e ela não gosta. Ela nem sabe que é um gatilho pra mim, porque eu não acho que contar isso pra ela vai servir nada bom, além dela ficar triste e é isso, né? Não vai resolver minha relação com ela, mas eu evito o filme "Sozinha no mundo", porque isso me

engatilha. É, tem várias coisas, eu evito coisas do dia a dia que possam trazer os sistemas mais à tona, de ficar lembrando tudo.

Entrevistadora: Certo, é... não precisa se preocupar caso você esqueça de alguma palavra em português, porque, modesta parte, eu falo inglês também (risos). Então, não tem problema.

Catarina: Ai que bom! (riso sutil)

Entrevistadora: Você tem alguma rede de apoio? Se sim, qual é?

Catarina: Hoje eu tenho, é nesse apoio, bom, é uma linha mais de apoio, né? É o meu marido. Rede eu tenho umas duas amigas que eu até gosto bastante, é..., e eu sei que se remete a minha família, que hoje eu acho que estaria lá, mas hoje eu não tenho como. Então, a única rede de apoio que eu tenho mesmo é o meu marido e a terapeuta, e no passado, como eu te falei, a rede era a minha família, o pai, a mãe, irmãos, e infelizmente essa rede não me “pegou”. Eu até posso contar por que, mas especialmente quando aconteceu o evento. Eu falo evento, porque pra mim é difícil falar bem especificado, mas, quando aconteceu o evento, pra ser justa com a minha família, eu não contei exatamente tudo o que aconteceu, né? Eu só contei que eu estive com dois caras. Nossa, a história é grande. Eu tava e, eu tive, eu senti que eu tinha que contar pra eles, porque eu tava passando muita dificuldade na faculdade. É, vamo começar pelo começo. No primeiro semestre aqui nos Estados Unidos, eu tava numa faculdade onde haviam quatro brasileiros, é... e eram dois homens e duas mulheres, as duas mulheres eram amigas e eu era colega de quarto de uma das mulheres, e daí houve um (interrupção)...

Entrevistadora: Com licença, você poderia repetir a última frase, por favor? É que travou ali e acabei me perdendo, desculpa.

Catarina (sobre fala): Posso.

Catarina: Eram quatro pessoas, dois homens e duas mulheres, uma mulher e dois homens jogavam basquete e a outra jogava vôlei (era a minha colega), e querendo ou não, eu cheguei lá, eu falava inglês, mas não o inglês conversacional, né? Eu não conseguia mandar uma conversa legal com as pessoas, e isso acabou me aproximando mais desse grupo. Esse grupo, ele era honestamente, eu acho que eram brasileiros normais, mas eu cresci muito religiosa. Então, quando eu cheguei lá, eu não tinha essa, eu nunca fiz festa na vida, nunca pulei carnaval, não bebia, eu não condenava estas coisas. Eu era espírita, então a gente não condena, é..., e querendo ou não eu acabei me aproximando deles, não por que nós éramos próximos, ou tínhamos coisas em comum, mas por que eles eram brasileiros e a partir daí é... teve um feriado chamado Spring Break. Acontece entre março e abril. É um feriado de uma semana (inaudível) e esses dois caras ficavam na faculdade e não iam poder tirar férias, e daí eles me convidaram pra ir pro apartamento deles. Os dois eram colegas de quarto, me convidaram pro apartamento deles pra jogar Mário, e eu sou meio nerdzinha e eu sabia que tava estranho esse convite, sabe? Mas eu fui e aí uma coisa levou a outra e o evento ali aconteceu, né? É, eu acho que até, não sei se esse detalhe é importante. Medicamente, foi me explicado que eu fui estuprada. Aí, as meninas voltaram, eu fingi que nada tava acontecendo, mas aí continuei a jogar Mário com o pessoal desse grupo. As meninas estavam lá

também, mas tavam numa sala diferente e eu tava no quarto deitada sozinha e até a porta tava meio aberta. Aí um dos cara à noite, num outro dia, (inaudível) eu fiquei assustada pelo o susto que ele me deu, um outro dia, mais a noite. Ele disse que nada tinha acontecido naquele dia e que não era pra eu falar pras meninas, se não eu ia ver com ele. Aí, eu tava no apartamento da menina do basquete, eu tava cochilando, dormindo no sofá dela. Aí minha colega de quarto assim entra, com o pé pesado andando rápido, me passa pela sala, nem me olha, e sem falar, aí ela começa a falar. Eu não entendi direito o que elas estavam falando, mas dava pra entender o tom de raiva. Aí, as duas saíram do apartamento, subiram pra cima que era o apartamento dos dois meninos. Aí nisso um dos meninos desce aqui pra baixo e vem falar comigo, aí me fala "você contou?". Aí eu falei "não contei". Eu esqueci da parte mais importante. Esse menino era namorado da minha colega de quarto. Aí ele contou: "Bom, ela descobriu". Aí, eu quase desmaiei, sabe? Eu perdi a força. Minha perna, eu bati na parede assim, mas eu consegui me equilibrar. Daí eu subi lá pra cima, chutando todo mundo e o meu primeiro reflexo foi mentir e eu menti pra ela na cara de pau e eu nunca vou entender o porquê eu menti pra esconder os caras e ela perguntou o que aconteceu. Eu falei lá o que aconteceu, eu fiquei em choque quando o evento aconteceu e assim como eu te falei, eu fui lá jogar Mário e, assim, que eu cheguei eles fizeram uma bebida de abacaxi e ficaram falando pra eu tomar. Na verdade, eu nem tomei muito, eu tava estranha de repente. Então, nem posso contar que eu tava bebendo (inaudível). Daí, voltando pra conversa, eu falei que nada aconteceu, que eu fiquei bêbada, que eu beijei ele, que a culpa não era dele, não rolou nada, e morreu aí. Acho que não foi nem um ou dois dias depois a menina do basquete me chamou pro quarto dela, perguntando o que tava acontecendo e eu fui. E eu me lembro que ela tava com o laptop aberto assim, mas tava de costas pra mim. Ela falou pra câmara do laptop e eu achei estranho, mas aí ela foi lá e disse assim, me fala o que aconteceu e eu contei a mesma história, que eu beijei ele, ele parou, então nada aconteceu. E daí o laptop começa a falar, um amigo lá dela que eu nem conhecia, eu havia visto ele uma vez pelo o webcam antes enquanto ela tava conversando.

Entrevistadora: Como foi sua infância? Você acredita que alguma coisa nela facilitou ou complicou para sua relação hoje em dia. Como que foi?

Catarina: Honestamente, minha infância foi saudável, eu fui filhinha de papai e mamãe, vaidosa, orgulho da família, boa no colégio, eu era muito boa nos esportes. Sempre sempre falei na terapia, falava da pressão que meus pais colocavam em mim, mas para ser justa com eles, não era só eles que colocavam pressão, não. Eu também queria a aprovação deles. Foi uma infância boa em geral, mas eu já sofria com a ansiedade, porque eu me sentia muito pressionada pelos meus pais. Mas tirando isso, eles foram ótimos pais até meus 17 anos. Eles me apoiaram, me levavam para as aulas, eu não levava as coisas tão a sério. Eu lembro que quando eu era pequena, ele lia histórias para mim, brincava comigo. Então, a minha infância, eu acho que foi boa.

Entrevistadora: Certo... essa é uma pergunta que tem uma resposta meio óbvia - eu até imagino o que você vai responder - mas mesmo assim é importante, porque é

uma coisa meio didática. Eu queria saber se você já teve relação entre o bullying e o estresse pós traumático como que uma coisa chega na outra, entende? Como é que tem casos, na sua opinião, né? Como que tem casos onde a pessoa não desenvolve e tem casos que a pessoa desenvolve, enfim...

Catarina: Então, eu não acho, eu tenho certeza que existe essa relação. mas ao mesmo tempo eu não vejo a minha situação como uma situação de bullying, mas eu entendo, sabe de tanto que eu ouço as pessoas falarem, eu sempre achei que o bullying sendo uma coisa frequente, mas eu sei lá...(risos) Como, por exemplo, tem mais coisas que as pessoas me falaram: se foi abuso pra mim. Você queria? É isso que ouço as pessoas dizerem, mas é doído porque eu tinha bastante confiança nela, na minha irmã. Eu lembro dela falar que não entendia porque eu estava fazendo todo esse escândalo. São poucos amigos que ficam com você. Quando eles me deram o diagnóstico, eles me contaram as histórias de outras pessoas, sabe? Querendo ou não foi em 2009. 2023 agora. Então, faz muito tempo e ainda me afeta semanalmente. Então, eu até posso ver quem tem relação com bullying mas pra mim são mais as pessoas que falaram algo errado na hora errada. Mas eu me lembro que umas das coisas, quando a coordenadora(do grupo)me convidou para falar da minha experiência. Eu fiquei muito intimidada e eu falei "eu acho que me sinto mal de estar aqui, porque tinham pessoas lá que sofriam abuso frequentes, abusos de infância desde os 3 anos de idade. Então, eu me senti bastante culpada e eu me lembro até hoje que toda vez que eu contava eu não entendia o porquê minha dor era tão grande.

Entrevistadora: Ok. Próxima pergunta. É... se você tem alguma dificuldade em socialização, mas essa você já respondeu, né? Se você quer falar mais alguma coisa pode me dizer, mas... você contou antes que você tem dificuldade com bastante coisas sociais do dia a dia, gatilhos; enfim. se você quiser falar alguma coisa...

Catarina: Então... na verdade. eu não gosto de pessoas e eu nem sei se posso falar aqui, mas eu nem sei se posso falar aqui, porque não sei se é uma coisa do TEPT ou é coisa minha. Aqui, na parte de socialização, eu sou muito boa igual eu tô aqui sentada conversando com você normalmente. Se eu ver alguém, sou a pessoa mais legal do mundo. Eles provavelmente vão gostar de mim. Eu tenho habilidades. Eu sei o que as pessoas querem ouvir. Elas me causam falta de empatia. Então, no geral, eu evito atividades de socialização, eu me sinto intimidada. Se meu marido tiver aqui eu me socializo, mas ele sabe que eu não gosto. Quando vamos no restaurante, eu não gosto de pedir; por isso, peço para meu marido pedir para mim e ele pede pro garçom.

Entrevistadora: OK, ahm, em qual ambiente você sofria bullying? A gente sabe né, que foi na faculdade por mais que você tenha algumas questões, se foi bullying ou não, é uma coisa que ainda dá para variar, mas está dentro do contexto da nossa pesquisa. E como você enfrentou isso num geral?

Catarina: (suspiro) com matemática, dissociação, anime e um padre (risadas). É, quando essas coisas aconteceram, é, as coisas frequentes, né? Quando todo

mundo na minha vida sabia, é... eu ainda tinha que ir pra aula, né? E, é... eu ia pro quarto e eu chorava o dia inteiro, e eu gostava de assistir um anime, eu ficava o dia inteiro e quando eu acabava eu assistia de novo, é...e aí quando eu tinha que fazer durante o dia e tal, é... que eu precisava estar ali, eu estava mais em curto, eu literalmente abria meu livro de matemática.

[Desconexão da ligação]

Entrevistadora: Alô? Tudo certo? Alô? (silêncio) Oi,oi, voltou?

Catarina: Tô ouvindo

Entrevistadora: Oi, oi, voltou?

Catarina: Acho que você tá muda.

Entrevistadora: Oi oi, desculpa. Minha internet acabou caindo

Catarina: Não tem problema, não. Essas coisas acontecem, quando que caiu?

Entrevistadora: Só conferindo as coisas aqui, você lembra qual é a pergunta ou quer que eu repita?

Catarina: Eu lembro que a pergunta era: "como você enfrentou isso?", mas não lembro qual foi a última coisa que você ouviu.

Entrevistadora: Você tava comentando que você focava bastante nos estudos de matemática.

Catarina: Ah tá, é, e aí que uma coisa interessante é que hoje eu odeio matemática, e eu não tenho dúvida que é porque eu associei matemática com o trauma, com o evento,. Antes do evento, matemática era minha matéria favorita, né? No simuladão de terceiro ano, era, matemática era o terceiro, e... a terceira matéria, o que eu fazia, eu começava pelo português que eu era pior, depois biologia que era pra pior que matemática e aí eu fazia, todas as matérias até a minha cabeça ficar cansada, aí quando minha cabeça cansasse eu voltava pra matemática pra brincar com os números. Aí, eu relaxava e voltava a focar pro resto do simuladão. Mas hoje se você botar matemática na minha frente eu, eu fujo, só faço matemática pelo excel, e... (suspiro) mas isso é aleatório. Como que o padre surgiu? Não um nome mas um comentário aqui. É que na verdade eu só conhecia ele porque todo sábado, eles faziam almoço nessa igreja, eu acho que era católica, mas pra te falar a verdade eu não tenho certeza. E...e aí tinha um monte de alunos que iam lá só por que era almoço de graça, né? E ai eu era um desses alunos, e aí quando eu lembro, eu tava sozinha, não podia falar com a minha família, não podia falar com (incompreensível) eu não tinha ninguém pra conversar. Então, eu contei pro padre e ele foi muito bom pra mim acho que ele me salvou pra te falar a verdade. O padre me ensinou a dirigir, aí eu lembro que eu falava pra ele, olha, eu tô, eu tô muito mal, ta? Acho que eu não dou conta. Aí, ele falou "não, você tem que aprender a dirigir mesmo que seu emocional tá ruim, porque na vida vai acontecer isso de novo. E aí você aprende". Ele me ajudou a me manter ocupada, a gente podia conversar sobre tudo. Foi uma conversa onde eu contei, e depois disso ele só me fazia companhia. Todo dia ele me tirava um pouquinho do quarto pra eu aprender a dirigir, e...é...ele foi bom pra mim.

Entrevistadora: Ah, que bom. Eu fico muito feliz por isso, um apoio nessas horas, é realmente tudo que a gente precisa né? Você tomou alguma medicação?

Catarina: Ahm, tomo, eu tenho dois remédios de ansiedade, um de depressão e um remédio pra dormir. É..., eu até tentei tirar recentemente a medicação e eu fiquei bem por uns dois meses, mas faz um mês assim que eu fiquei mal de novo. Então, eu voltei com um remédio de ansiedade, o de depressão e eu nunca realmente parei com o remédio pra dormir.

Entrevistadora: Ok, o que você diria pra alguém que tá passando pelo mesmo que você?

Catarina: Eu na verdade escrevi, uma coisa pra isso, pra eu não esquecer. É, eu botei, "eu sinto muito, não somente pelo abuso, mas como foi estupro sem dúvida alguma. Eu te amo e a culpa não foi sua, se alguém não aceita o rótulo de PTSD ou de TEPT, e não tem a habilidade de tomar a dor que vem com, estar na sua vida com TEPT, não significa que são pessoas ruins, só que não só como amigos, parceiros, ou família, é.. e perdoar não é uma coisa milagrosa, é propaganda religiosa, é... não tente forçar perdão e também não force rancor, aceite seus sentimentos, mesmo com lágrimas, mesmo se considerar-los negativos, muitas vezes são esses sentimentos que te protegem."

Entrevistadora: Ok. É, como foi o processo para você se sentir segura e procurar ajuda? Você já comentou que, né? Você tinha se sentido mal com toda aquela situação e você sentiu coragem para falar com o padre no caso, né? Mas como foi isso pra você, de onde veio?

Catarina: Eu não sei se segura é a palavra certa, porém em todas as vezes que eu pedi ajuda foi com uma dor. Eu entrei na fase do desespero, é.. ou era pedir ajuda ou a gente cortava... ou era suicídio sabe? Teve essa época que eu falei com o padre, né? Primeiro como eu te falei, com uma dor, eu fiquei desesperada e eu contei pra minha mãe... e aí eu perdi minha família, e aí quando eu fiquei desesperada de novo eu contei com o padre, e até hoje quando eu fico muito mal assim, hoje eu vou e conto pro médico, minha primeira busca de ajuda é contar para o médico pra eles me ajudarem, mas, realmente é quando eu tô bem mal e querendo ou não agora eu tô indo pra terapia direto já tem uns quatro, cinco anos e só agora tô começando a ver resultado, né? Resultados visíveis e ali em relação a viver, ter experiências na vida e não fugir de tudo, aí é nisso.

Entrevistadora: Ahm, deixa eu me achar aqui... como você se sente ao falar sobre isso?

Catarina: Me desculpa, cortou a pergunta.

Entrevistadora: Como você se sente ao falar sobre isso?

Catarina: Ahm, honestamente engatilhada, mas isso eu esperava (risada), mas eu queria muito fazer essa entrevista, mesmo sendo, sendo informal, né? Eu ainda não sinto que eu posso falar disso com outras pessoas, é.. eu ainda tenho muita preocupação, sabe? Em falar com as outras pessoas até porque, como eu te contei, se eu contar pra um amigo existe a comparação, existe o "você tá ali reclamando da sua vida" e outras que tentam te ajudar, mas eu tenho PTSD pro resto da minha vida. Infelizmente não tem cura, só tem como melhorar de algumas formas, e aí eu sempre quis contar minha experiência, sem essa, sabe, de "sem essa, se aceita", apesar da experiência eu não tive coragem de fazer isso sem ser no anonimato

sabe? Tanto que, por exemplo, quando teve o “me too”, eu me lembro de querer postar todo dia, mas eu não tive coragem... então, o fato de que eu posso contar as coisas, falar das coisas com nomes diferentes e sem minha cara é... é... funciona pra mim.

Entrevistadora: A gente não tá muito longe de acabar agora. Faltam mais três perguntas. Essa eu acredito que você já tenha respondido, você me disse, mas se quiser falar mais alguma coisa de como o TEPT afetou sua forma de lidar com a vida e as pessoas. Na verdade eu acho que essa é um “comprimido” de outras perguntas que já foram feitas, mas se você quiser falar mais alguma coisa fica à vontade.

Catarina: Ahm, essa questão da confiança, na verdade eu tenho logo os sinais clássicos de TEPT, com exceção que eu tenho a memória péssima. Tenho pesadelos frequentes com relação ao evento... eu não tenho esperança do futuro, me dizem que eu sou pessimista e apesar de eu me considerar (incompreensível), mas eu entendo que isso faça que eu pareça pessimista... é, eu confio em um homem só, pra ter um relacionamento na minha vida. O resto meio que conta como outros tipos de apoio, né? Acho que na minha família sou próxima com minha irmã, mas mesmo assim eu ainda me sinto muito desconfortável. Elas vivem falando “se tiver problema liga e tal” e eu não tenho coragem de fazer esse movimento, sabe? É... então eu sou uma pessoa bem sozinha que na verdade estar sozinha pra mim não é uma coisa ruim, eu fico menos estressada sozinha do que se eu ter mais pessoas na minha vida, é... então sim, eu semanalmente penso nas coisas do evento, e..., é assim que nós vamos seguindo, seguir a vida.

Entrevistadora: Certo, a sua adolescência, você comentou antes que tinha sido no geral bem saudável, e as coisas começaram, como eu posso dizer... decair um pouco mais depois do evento, que foi depois dos seus dezoito, mas no geral a sua adolescência foi tranquila também?

Catarina: Sim, minha adolescência foi muito tranquila, eu era obediente, meus pais falam um “a”... Uma coisa interessante na minha adolescência é que foi uma das minhas primeiras vezes que eu fui na terapia, por causa dos meus pais, né? Então, é só uma questão. E isso é o que eu mais conversava na terapia.. e até então eu já havia ansiedade, eu não peguei porque era muito pequena, mas uma vez a professora chamou meus pais e perguntou pra mim se eu podia dividir esse sentimento com meus pais, eu falei que podia, e aí quando meus pais e eu lá no sofá com a terapeuta, ela contou sobre os exemplos e ele falou “eu? Eu não, eu nunca fiz isso, não!”. Então, ali que eu vi que lacunas já estavam sendo criadas, né? Da falta do apoio emocional. Dinheiro, comida, escola, em casa, mas em geral foi bom, melhor que pra uma parte das pessoas, e ferrou mesmo quando eu fiz 18 anos de idade.

Entrevistadora: A última pergunta é como você se sente com a ideia de ser convidada a falar sobre isso.

Então, na verdade as únicas pessoas que sabem tudo que aconteceu comigo mesmo são.. é minha terapeuta mesmo. Então, a minha ideia em dividir isso acho

que é natural do ser humano, né? Querer dividir essas experiências, então mesmo que seja assim, com uma curta entrevista, sabe? Pra mim na verdade me traz alívio. Entrevistadora: Então a gente acabou aqui a nossa entrevista no geral, muito muito obrigado mesmo por ter vindo a falar sobre isso. Eu e todas do grupo sabem o quanto vai ser difícil tanto pra você quanto pra todas as outras vítimas que vamos entrevistar ainda, que ainda não sabemos quem vão ser (risos), mas estamos procurando, e que é muito difícil falar sobre isso e tem que ter muita coragem. E a gente espera com esse projeto dar mais visibilidade para esse assunto que é uma coisa que as pessoas ignoram de certa forma, sabe? As pessoas falam muito de outros transtornos, de outros casos e só porque não é tão frequente ou a gente não vê tantos diagnósticos, as pessoas acham que é meio tanto faz, sendo que não é, é uma coisa muito séria que afeta muito o dia a dia das pessoas. Só te lembrando de novo que a conversa está sendo gravada e mais ninguém além do grupo de pesquisa vai saber de nenhuma informação pessoal sua. O áudio da conversa não vai ser vazado, nós só vamos nos basear nas coisas que você disse pra construir nossa pesquisa mas é só isso mesmo, ok?

Catarina: ok, muito obrigada

Entrevistadora: Eu que agradeço.

Anexo 2

]1) Qual é seu nome? Você pode usar aqui seu pseudônimo para preservação da sua identidade.

Alessandra

2) Quantos anos você tem?

28.

3) Com quantos anos você foi diagnosticada com TEPT? E Como foi?

Há 5 anos, mais ou menos. Foi um processo lento e doloroso e ainda é, na verdade. Eu não aceitava o diagnóstico, mesmo sendo da área da saúde.

3) Gostaria de falar um pouco sobre sua vida até agora? E de que modo algumas situações podem ter contribuído para sua o diagnóstico?

Então, minha infância foi muito pobre, no interior de Minas. Pai ausente, muitos irmãos e pouca comida em casa. Eu sou a filha mais velha e tive logo que ir trabalhar, lá pelos onze. Não conheci vida mansa, não. Fui trabalhar como doméstica numa cidade vizinha à Almenara. Eu vi logo que teria problemas, porque o marido da minha patroa não era nada respeitoso. Assim que ela saía de casa, ele bebia muito. Aí, começaram os abusos. Eu era

muito nova. Sabia que isso era uma coisa feia, mas também não sabia com quem conversar. Tinha muito medo de perder o emprego.

4) E esses abusos duraram até quando?

Quando consegui outro trabalho como babá, aos 15 anos. Foram anos bem difíceis. Assim, no final, já nem era abuso só, não. Já tinha relação mesmo.

5) Houve alguma tentativa sua de falar para alguém ou de fazer algo para que esse ciclo se interrompesse?

6) Eu tentei falar para mainha, mas ela não entendia direito. Ela achava que era um jeito que eu tinha de não querer trabalhar. Eu gostava muito de estudar e, por dois anos, eu não consegui. Ela achou que era corpo mole.

7) E quanto ao homem que a molestava?

Eu disse várias vezes para ele. Eu implorava para ele parar, mas parecia que ele se divertia com meus pedidos. Teve uma hora que eu simplesmente parei de pedir. Então, com 15 anos, consegui uma vaga de babá numa família boa e não tive mais problemas.

8) Nesses anos que você permaneceu como doméstica, você desenvolveu sintomas – físicos ou emocionais – que você teve que lidar?

Sinceramente, não. Hoje, faço terapia há muitos anos e não me recordo de nada muito diferente em mim à época. Claro: eu odiava ir trabalhar. E também ia trabalhar com certa tristeza, mas nada demais. Eu fiquei meio anestesiada acho. Só ia vivendo. Teve uma situação na escola muito ruim mesmo. E foi isso que me fez procurar outro trabalho de qualquer jeito. Eu criei uma amizade com uma professora, que estava vendo que eu estava meio aérea com relação à tudo. Eu dei de contar para ela o que estava acontecendo no trabalho. Só que ela era mãe de uma colega de sala. Não sei como aconteceu, mas muita gente ficou sabendo no dia seguinte de toda aquela situação, até meus colegas. Eles falavam que eu pegava um velho para ficar com o dinheiro dele. Olha, eu nem me lembro muito dessa época. Só sei que teve Conselho Tutelar e tudo. Mas para ser sincera eu não senti muito o peso naquela época.

9) E o que aconteceu depois disso? Quando deixou de ficar anestesiada?

Eu mudei de escola, fiz um acompanhamento psicológico, eu e minha mãe e pronto. Eu fui amadurecendo, consegui terminar o Colégio. Achei que aquela fase da minha vida ficaria só na lembrança ruim. Quando eu tinha 18 anos, conheci um rapaz da minha cidade. Nos

apaixonamos. Ele era um bom rapaz. Só que iria vir para Belo Horizonte trabalhar. Ele pediu a minha mão à minha mão e, aos 19, eu já estava casada e grávida e vivendo em BH. Aí começaram os meus problemas. Quando eu descobri que teria uma menina, comecei a chorar de tristeza e o choro não passava jamais. A gravidez foi toda difícil, quase perdi a Bianca. Ela nasceu e os problemas continuaram. Não conseguia trabalhar e nem cuidar dela e nem da casa. Eu começava a tremer e a chorar. Meu marido, que agora é ex, ficou desesperado. Quis me internar num hospital psiquiátrico e eu disse a ele que jeito nenhum. Mas a esposa do chefe dele era psicóloga e começou a me atender de graça e conseguiu também psiquiatra. Foi mais ou menos com 22 anos que ele me diagnosticou com TEPT. Ele disse que o nascimento da minha filha foi o gatilho para acender mim coisas que estavam adormecidas. Desde então, faço acompanhamento com psicólogo e psiquiatra.

10) E como é sua vida hoje?

Quando estou em crise, é muito ruim. Parece que volto nos meus 11 anos e vou sentindo coisas que naquela idade eu não sentia. Mas, no geral, é uma vida comum. Hoje sou terapeuta ocupacional, tenho uma filha adolescente. Converso demais com ela. Trouxe minha mãe para morar comigo e frequento um grupo de apoio de mulheres que foram abusadas. Isso é fundamental para mim. Quando comecei a fazer terapia, eu estava decidida que não iria deixar aqueles anos atrapalharem toda a minha vida.

Anexo 3

1) Qual é seu nome? Você pode usar aqui seu pseudônimo para preservação da sua identidade.

Quero ser chamada de Cristiane.

2) Quantos anos você tem?

Tenho 54 anos.

3) Com quantos anos você foi diagnosticada com TEPT? E Como foi?

Há muito pouco tempo. Em torno de três anos. Foi um vida difícil até agora, para dizer a verdade. Com a diagnóstico e com as medicações corretas, eu tenho tentado levar uma vida mais tranquila.

4) Gostaria de falar um pouco sobre sua vida até agora? E de que modo algumas situações podem ter contribuído para sua o diagnóstico?

Como eu disse, a vida foi bem difícil até agora. Eu tinha tudo para ter uma vida melhor: minha família tinha boas condições financeiras, era uma família unida. Não possamos dificuldade financeira, nem nada. Tudo ia bem, até meus 17 anos, quando eu estava me formando no colegial. Eu tinha muitos planos para o futuro. Alguns se realizaram e outros não. É assim para todo mundo, né? Mas o que me deixa muito triste é que os sonhos que eu não realizei foram mais devido ao TEPT, às condições emocionais que eu tinha desde os meus 17 anos.

5)Você poderia dizer algo que lhe aconteceu nos seus 17 anos?

Posso falar mais superficialmente, sem problemas. Não gostaria de dar detalhes, porque, se não, eu entro em crise. A minha turma do colegial tinha todase formado. Fizemos um baile para as famílias e amigos. Todos beberam muito. Quando todo mundo já tinha ido embora, ficamos eu e meus amigos, a maioria homem, para bater papo, jogar conversa fora. Mas não foi isso que aconteceu. Eles ficaram muito agressivos com a bebida e eu e minha amiga fomos, você sabe. Eles fizeram tudo o que queriam com a gente.

6) E como se sentiu?

Eu não estava entendendo nada, mas alguma coisa parou de funcionar dentro de mim, desde então. É como se eu não existisse mais, sabe? Naquela época, havia muito machismo ainda. Então, eu e minha amiga decidimos não falar nada para ninguém. Ela estava vivendo como se não tivesse acontecendo nada. Eu, sei lá, parei de me importar com tudo. Parei de sair, parei de me divertir. Eu comecei a usar droga. Minha família quis me internar naquela época pela primeira vez. Eu não quis. Eu disse que ia passar. E passou durante um tempo.

7)Durante quanto tempo?

Quando eu entrei na faculdade, este foi o problema: eu e um dos meus colegas daquela noite entramos para a mesma turma de Engenharia. Eu fingia que não o conhecia, mas ele estava me perseguindo durante os intervalos, durante as cadeiras, né? Ficava insinuando para mim que eu queria ele. E eu só fugia. E tentava concentrar no que eu tinha que fazer: estudar e trabalhar. Naquela época, logo que eu entrei na faculdade, consegui um estágio

numa obra de uma empresa importante. Então, assim, durante um ano, minha vida ficou tolerável.

8)Aconteceu algo fora da rotina depois deste um ano?

Tudo saiu da rotina depois de um ano. Naquela época, já tinha me afastado da minha amiga, aquela que sofreu como eu. Ela saía muito à noite e eu simplesmente não queria mais. Aí, a mãe dela me liga em um dia dizendo que ela estava internada, porque tinha tentado suicídio. Eu não sei nem explicar o que aconteceu naquele momento com o meu corpo, sabe? Parece que meu corpo saiu, não sei explicar. Comecei a ter muita dor de cabeça. Eu só queria sumir. Ela, a mãe da minha amiga, me pediu para eu ir visitá-la, mas o que aconteceu foi o oposto. Eu caí numa depressão tão grave que minha família resolveu me internar numa clínica. E dessa vez, eu deixei, porque eu estava com medo do que eu poderia fazer comigo.

9) E como foi sua experiência na clínica?

É uma clínica. Não há muito o que dizer. Mas eu parecia mais controlada. O problema foi quando eu saí de lá. Já não tinha mais estágio, claro. Tudo bem. Eu não precisava do dinheiro. Minha família sempre me deu suporte. Mas eu voltei para a faculdade e todos os meus colegas estavam fofocando sobre mim. A história é que eu tinha tentado me matar, depois de ter tido relação com vários homens depois da minha formatura. Essa história só poderia ter sido contada pelo cara que também era meu colega de sala. Eu decidi agir. Fui até a coordenação, mas ele disse que não podia fazer nada, porque foi uma coisa que aconteceu quando eu nem estava na faculdade. Ele disse também que eu era maior de 18 anos, que, então, não era para me preocupar.

10)E como você se sentiu?

Eu me senti sozinha e sem poder fazer nada. Eu não queria de jeito nenhum que minha família soubesse. Então, eu decidi largar a faculdade e começar outra em outro lugar, para que ninguém soubesse de nada.

11) E como foi depois de ter tomado essa decisão?

Eu fui morar longe da minha família e fui cursar Direito. O problema, eu acho, é que eu não me tratei direito. Então, qualquer coisa me fazia entrar em crise. Se alguém me chamava para sair, eu dizia não e tinha que voltar para a casa, porque ficava sem ar lembrando daquela noite. Se algum menino me paquerava, eu fugia e tinha uma espécie de taquicardia

e não conseguia sair de casa por uns dias. Eu dormir mal, tinha pesadelo quase todas as noites com o que tinha acontecido comigo. Nessa altura, minha família achou que eu estava usando droga, mas não estava. Mas não aguentei terminar a faculdade e voltei para a casa.

12) E como foi quando voltou para a casa?

Eu estava muito doente. Não conseguia fazer nada. Fomos eu e minha família de psiquiatra a psiquiatra. Cada um me dava um remédio diferente. Cada um me dava um diagnóstico. Foi difícil. Vi meus irmãos se tornarem independentes e eu ficava em casa, dando trabalho para os meus pais.

13) E hoje você mora onde?

Ah, não, quando eu tinha já 30 anos, eu consegui terminar a faculdade de Direito. Me casei e tive filhos. Fui viver minha vida. Eu contei tudo o que aconteceu para meu marido e ele é o meu maior suporte. Ele que procurou outro psiquiatra que me diagnosticou com TEPT.

14) Então você viveu relativamente bem nesses anos sem o diagnóstico preciso?

Não. Vivi uma vida reclusa. Tinha crises de ansiedade constantes. Pesadelos, sempre tive, até hoje. Se eu lembro daquela noite ou alguma coisa me faz lembrar da noite, eu fico de cama vários dias, mesmo com remédio.

15) Então, os sintomas impactaram muito sua vida...

Sim, quando eu descobri que estava grávida, eu entrei em pânico com medo de ser menina. Tudo o que eu queria é que fosse menino. Graças a Deus só veio menino. Eu não consegui trabalhar fora, fiquei só em casa. Eu gosto de ser dona de casa, mas eu queria mais.

16) Depois do diagnóstico de TEPT, como sua vida mudou?

A vida mudou, porque sou medicada corretamente agora, faço terapia, participo de grupo de conversas. Tenho crises ainda, mas estou bem mais controlada. Hoje consigo sair para a igreja, para encontros de família. Eles não sabem nada da minha história e ela vai morrer comigo. Outro dia eu vi o senhor, hoje é senhor, né? O senhor que abusou de mim e falou mal de mim na faculdade. Claro que eu tive crise. Mas estávamos andando na mesma calçada. Eu olhei para ele com firmeza e não desviei nem por um segundo. Ela abaixou a cabeça e mudou de calçada. Depois eu fiquei péssima. Mas naquele momento eu estava ótima. A justiça divina nunca falha.